


## A SEMIÓTICA DO GUERREIRO AUSENTE: UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DE AIOROS DE SAGITÁRIO

### THE SEMIOTICS OF THE ABSENT WARRIOR: AN ARCHETYPAL ANALYSIS OF AIOROS OF SAGITTARIUS

Recebido: 05/02/2026

Aprovado: 07/06/2026

DOI: 10.18616/lendu.v10i1.10625

Thiago Barbosa Soares   
*thiago.soares@mail.uft.edu.br*

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar, pela perspectiva da semiótica arquetípica, a configuração do arquétipo do “guerreiro ausente” na personagem Aioros de Sagitário, da série Os Cavaleiros do Zodíaco (Kurumada, 1986). Para tanto, articula-se a conceituação junguiana de arquétipo com dois instrumentos metodológicos da análise semiótica: o exame da semiose narrativa, mediante o esquema das quatro fases constituintes (manipulação, competência, performance e sanção), e a investigação da valência dos traços arquetípicos, através do modelo das necessidades básicas de constituição arquetípica (pertença-independência, estabilidade-maestria). A análise demonstra que a actância de Aioros opera por uma delegação de agência, na qual seu programa narrativo é executado por outros actantes a partir de seu legado simbólico, transcendendo sua morte física. Ademais, revela uma inversão semiótica nas necessidades básicas, nas quais a ausência e o sacrifício convertem-se na fonte de seu poder arquetípico perene. Conclui-se que a semiótica arquetípica se mostra um instrumental teórico-metodológico profícuo para a análise de figuras narrativas complexas, devendo ser empregada em futuros estudos de mesma natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica Arquetípica; Guerreiro Ausente; Aioros; Cavaleiros do Zodíaco; Arquétipo.

#### ABSTRACT

This article aims to analyze, from the perspective of archetypal semiotics, the configuration of the “absent warrior” archetype in the character Aioros of Sagittarius, from the series Saint Seiya (Kurumada, 1986). To this end, the Jungian conceptualization of the archetype is articulated with two methodological tools of semiotic analysis: the examination of narrative semiosis, through the scheme of the four constituent phases (manipulation, competence, performance, and sanction), and the investigation of the valence of archetypal traits, through the model of the basic needs of archetypal constitution (belonging-independence, stability-mastery). The analysis demonstrates that Aioros’s actancy operates through a delegation of agency, in which his narrative program is executed by other actants based on his symbolic legacy, transcending his physical death. Furthermore, it reveals a semiotic inversion in the basic needs, where absence and sacrifice become the source of his perennial archetypal power. It is concluded that archetypal semiotics proves to be a fruitful theoretical-methodological tool for the analysis of complex narrative figures and should be employed in future studies of a similar nature.

**KEYWORDS :** Archetypal Semiotics; Absent Warrior; Aioros; Saint Seiya; Archetype.

<sup>1</sup>Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Diretor de pesquisa da Propeq/UFT e pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A narrativa mitológica, enquanto expressão simbólica do inconsciente coletivo (Jung, 2002), continua a fornecer matrizes fundamentais para a construção de personagens na ficção contemporânea, especialmente em produções de massa como os animes e mangás. Lançado originalmente como mangá por Masami Kurumada na revista Weekly Shōnen Jump em 1986, Os Cavaleiros do Zodíaco (no original Saint Seiya) rapidamente se tornou um fenômeno cultural, sendo adaptado para série de televisão em 1986-1989 e posteriormente para diversos filmes e OVAs. A obra é fortemente inspirada na mitologia greco-romana (constelações, deuses do Olimpo), na astrologia e em tradições de cavalaria medieval, criando um universo sincrético onde guerreiros protegendo a deusa Atena travam batalhas cósmicas. Embora mangá e anime compartilhem o enredo central, existem diferenças relevantes: o mangá apresenta maior violência e desenvolvimento psicológico de antagonistas, enquanto a série televisiva adiciona arcos e personagens originais para estender a exibição. Nesse universo ficcional, a figura do cavaleiro de ouro transcende a mera função de combatente, encarnando papéis arquetípicos específicos, como o herói, o sábio, o guardião ou o cuidador, cujas configurações semióticas podem ser descritas e interpretadas sistematicamente.

Por “guerreiro ausente” entende-se, neste trabalho, um actante que, embora tenha falecido ou se encontre fisicamente ausente da maior parte da trama, mantém sua agência narrativa por meio de um legado simbólico (objetos, memória, vontade projetada) que influencia diretamente as ações dos personagens vivos. Diferentemente do herói clássico que retorna de sua jornada (Campbell, 2007), o guerreiro ausente não regressa; sua eficácia reside precisamente na transformação de sua presença física em signo perene – sua ausência é condição para sua ubiquidade simbólica. Essa figura arquetípica está presente em diversas mitologias (Moisés que guia sem estar fisicamente presente, Buda após o parinirvana) e, na cultura pop, em personagens como Ben Kenobi (Star Wars) e o Capitão América original após sua “morte” nos quadrinhos.

Nesse contexto, a semiótica arquetípica consolida-se como uma ferramenta teórico-metodológica profícua para a análise de tais personagens. Articulado os fundamentos da semiótica geral, compreendida como a ciência que investiga todos os processos de produção de significação e sentido (Santaella, 2006; Eco, 2023), com os postulados da psicologia analítica de



Carl Gustav Jung, essa abordagem permite examinar como as “formas” arquetípicas, herdadas e presentes no inconsciente coletivo, são atualizadas em figuras narrativas particulares (Jung, 2002; Soares, 2023). Metodologicamente, a semiótica arquetípica opera a partir de dois eixos complementares: a análise da semiose narrativa, através do esquema das quatro fases constituintes da narrativa, manipulação, competência, performance e sanção (Platão; Fiorin, 1993), e o exame da semiótica das necessidades básicas, que investiga a valência dos traços arquetípicos a partir dos eixos pertença-independência e estabilidade-maestria (Mark; Pearson, 2003).

Esta perspectiva já foi aplicada com êxito por Soares a diversos arquétipos no universo de Dragon Ball Z e Os Cavaleiros do Zodíaco. Foram analisados o arquétipo do herói em Son Goku, destacando a primazia da maestria em sua jornada ascendente (Soares, 2020); o arquétipo do sábio em Piccolo (Soares, 2021a); o arquétipo do amigo em Kuririn (Soares, 2021b); o arquétipo do inocente em Son Gohan (Soares, 2023); o arquétipo do guardião em Mú de Áries (Soares, 2025a); e o arquétipo do cuidador em Trunks do futuro (Soares, 2025b). Esses estudos demonstram a viabilidade do método para revelar como arquétipos clássicos são reconfigurados e ganham complexidade em narrativas modernas, frequentemente assumindo nuances que escapam a categorizações rígidas.

No entanto, um arquétipo particularmente intrigante no panteão de Os Cavaleiros do Zodíaco ainda carece de investigação sob essa ótica: o do guerreiro ausente. Este artigo propõe-se a preencher essa lacuna, tomando como objeto de análise a personagem Aioros de Sagitário. Aioros configura um caso singular: sua actância, a de herói traído e mártir que, mesmo após a morte, continua a guiar e proteger a deusa Atena e seus cavaleiros, exerce uma influência centrípeta decisiva sobre toda a trama (Soares, 2020, p. 116), ainda que sua presença física seja, na maior parte da narrativa, conspicuamente ausente. Sua figura é um eixo moral e motivacional, um ideal a ser alcançado, materializando-se simbolicamente através de sua armadura e de seu cosmo.

Assim, este artigo tem por objetivo analisar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, a configuração do arquétipo do guerreiro ausente na personagem Aioros de Sagitário. Busca-se compreender como sua semiose narrativa se estrutura a partir das quatro fases (Platão; Fiorin, 1993) e como seus traços arquetípicos se articulam no jogo das necessidades básicas (Mark; Pearson, 2003), particularmente na tensão entre uma pertença ideológica inabalável (ao santuário



e a Atena) e uma independência forçada (pela condição de proscrito); e entre a instabilidade de seu destino trágico e a maestria de seu legado póstumo. Parte-se da hipótese de que Aioros personifica uma atualização específica do arquétipo do herói, cuja eficácia simbólica e narrativa reside precisamente em sua ausência física, que o transforma em um signo puro de ideal, sacrifício e orientação.

Para tanto, seguir-se-á o traçado metodológico consolidado nos trabalhos precedentes de Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023, 2025a, 2025b), articulando a conceituação junguiana de arquétipo e inconsciente coletivo com os instrumentos de análise semiótica mencionados. Espera-se, com isso, não apenas contribuir para os estudos sobre Os Cavaleiros do Zodíaco e a semiótica da cultura, mas também refinar a própria ferramenta da semiótica arquetípica, testando sua capacidade para dar conta de figuras cuja actância se funda mais no plano simbólico e da memória do que na ação presente.

## 2 A SEMIOSE (NARRATIVA) DO ARQUÉTIPO DO GUERREIRO AUSENTE EM AIOROS

A análise da semiose narrativa do arquétipo encarnado por Aioros de Sagitário exige, inicialmente, uma contextualização de sua posição actancial no universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Aioros é introduzido na narrativa já como uma figura lendária e ausente: o cavaleiro de ouro de Sagitário que, treze anos antes do início da trama principal, foi injustamente acusado de traição e morto ao tentar salvar a deusa Atena, então um bebê, das maquinações do falso Grande Mestre, Saga de Gêmeos. Sua actância, portanto, é primordialmente *simbólica* e *delegada*; sua presença se faz sentir não através de ações corpóreas, mas através de seu legado material (sua armadura dourada) e espiritual (seu cosmo puro), que guiam e protegem o protagonista Seiya e os demais cavaleiros de bronze (Soares, 2025). Essa condição de “guerreiro ausente” configura uma variante complexa do arquétipo do herói, cuja jornada clássica (Campbell, 2007) é interrompida pela morte física, mas paradoxalmente perpetuada e amplificada em eficácia narrativa.

Para descrever essa semiose singular, aplica-se o esquema das quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993), que permite organizar a sequência lógico-temporal de sua actância, mesmo que esta se desdobre em dois planos temporais distintos: o passado de sua vida



e o presente de sua influência póstuma. Segundo Platão e Fiorin (1993, p. 112), a semiose narrativa se organiza em “quatro fases que se sucedem logicamente: manipulação, competência, performance e sanção, sendo cada uma delas subdividida em operações mais específicas.”

A fase da manipulação em Aioros é intensa e dupla. Primariamente, ele é manipulado pela descoberta da verdade sobre Saga: ao presenciar o momento em que a máscara de bondade do Grande Mestre cai, revelando a ambição e a escuridão em seu coração, Aioros é colocado em uma situação contratual inescapável (Barros, 2005). A segurança de Atena e a própria integridade do Santuário tornam-se um dever que ele “não pode não aceitar”. Em um segundo momento, já como espírito ou força arquetípica, sua manipulação sobre os cavaleiros de bronze se dá de forma indireta, através de sua armadura, que repele aqueles de coração impuro e atua como farol para os justos, “manipulando” o curso da jornada de Seiya e seus companheiros ao se tornar um objetivo a ser alcançado e uma fonte de esperança.

A competência de Aioros é atestada em ambos os planos. Em vida, sua competência era a de um dos mais poderosos e nobres cavaleiros de ouro, detentor de um cosmo luminoso e de um caráter íntegro, qualidades que o fizeram merecedor da Armadura de Ouro de Sagitário. Após sua morte, sua competência transforma-se e se projeta: sua armadura torna-se um receptáculo de seu poder e vontade, capaz de agir autonomamente, e seu espírito adquire a competência de *mentor transcendental*, orientando os heróis em momentos cruciais. Essa transição ecoa a observação de que a competência narrativa muitas vezes se transfere de um actante a outro, perpetuando um programa de ação (Greimas; Courtés, 1989).

A performance de Aioros, embora concentrada em um ato heroico e fugaz no passado, é de consequências monumentais e contínuas. Sua performance física culmina no resgate da pequena Atena, na fuga do Santuário sob a perseguição dos outros cavaleiros e no ato final de, ferido mortalmente por Saga, esconder a deusa e enviar sua armadura como mensagem e legado. Essa performance, no entanto, não se encerra com sua morte. Ela se estende em uma performance simbólica: a armadura de Sagitário salva Seiya na batalha contra Shiryu; aparece em momentos decisivos para auxiliar os cavaleiros; e, no ápice da saga de Hades, seu cosmo une-se aos dos outros cavaleiros de ouro para romper o Muro das Lamentações. Sua actância, portanto, realiza-se plenamente na performance póstuma, característica definidora do guerreiro ausente.

Por fim, a sanção recebida por Aioros é ambivalente, refletindo a dualidade de seu estado. A sanção imediata e negativa foi a morte física, a marca da traição e o exílio de sua honra.



Contudo, a sanção final e positiva, que coroa seu desempenho, é a restauração de sua verdade e a vitória de seus ideais. A revelação de sua inocência, o reconhecimento de seu sacrifício por Atena e, sobretudo, o êxito da missão que ele indiretamente conduziu, a proteção da deusa e a derrota dos inimigos do Santuário, constituem sua verdadeira recompensa. Como aponta Barros (2005), a sanção é o fim necessário do algoritmo narrativo, e para Aioros esse fim é a eternização como símbolo de lealdade suprema, cuja eficácia se mede pelo sucesso daqueles que ele inspirou. Conforme Barros (2005, p. 58): “A sanção é o momento em que o narratário avalia o desempenho do sujeito, reconhecendo ou não a realização do contrato.”

Essa análise através das quatro fases demonstra que a semiose do guerreiro ausente opera por uma *delegação de actância*. Aioros, como núcleo gerador de sentido, transfere seu programa narrativo (salvar e proteger Atena) para outros actantes, notadamente Seiya, que se torna o executor físico de seu desejo póstumo. Essa dinâmica de transferência de funções narrativas já foi teorizada por Christopher Vogler (2006) a partir do modelo da Jornada do Herói de Campbell. Segundo Vogler (2006), os arquétipos secundários – como mentor, guardião, arauto e trickster – podem ser compreendidos como “emanações” do herói principal, ou seja, aspectos de sua própria psique que são projetados em outros personagens para auxiliá-lo em jornada.

No caso de Aioros, entretanto, observa-se uma inversão: o herói ausente torna-se ele mesmo uma emanação póstuma de seus ideais, que se manifesta simultaneamente como mentor espiritual (orientando Seiya), como guardião do limiar (protegendo a armadura) e como herói-mártir cujo sacrifício valida a causa. Essa aproximação com o conceito de Vogler permite compreender como Aioros, embora fisicamente ausente, multiplica sua agência através dessas figurações derivadas. Vogler (2006, p. 167) explica: “As emanações do herói são figuras como o mentor, o guardião do limiar ou o arauto, que representam aspectos do próprio herói projetados em outros personagens.” Aioros, contudo, funde várias dessas emanações: é o mentor espiritual, o guardião simbólico e o herói mártir cuja ausência física é, na verdade, a condição de sua ubiquidade e força narrativa perene. Sua jornada, assim, não termina com seu retorno, mas com a transformação de sua essência em um signo ativo e permanente no imaginário da obra, atualizando mitos ancestrais de sacrifício e legado que transcendem a morte.

### 3 A SEMIÓTICA DAS NECESSIDADES BÁSICAS NO CAVALEIRO DE SAGITÁRIO, AIOROS

Após a descrição da semiose narrativa de Aioros através das quatro fases constitutivas, torna-se necessário investigar a configuração interna de seu arquétipo a partir da valência de seus traços fundamentais. Para tanto, aplica-se o modelo das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003), que organiza os elementos semânticos da personagem em dois eixos relacionais: o horizontal, que tensiona pertença e independência, e o vertical, que articula estabilidade e maestria. A análise desses polos em Aioros revelará como a condição de “guerreiro ausente” redefine dramaticamente cada uma dessas necessidades, criando uma configuração arquetípica singular, marcada pelo paradoxo e pela transcendência.

No eixo horizontal, a tensão entre pertença e independência em Aioros adquire um caráter trágico e dialético. Sua pertença primordial e inabalável é ao Santuário ideal, à missão sagrada de proteger Atena e aos valores de justiça, coragem e lealdade que os Cavaleiros de Ouro deveriam encarnar. Contudo, essa pertença ideológica entra em conflito direto com a estrutura corrupta do Santuário de seu tempo, personificada por Saga. Ao agir de acordo com sua verdadeira pertença (salvando Atena), Aioros é forçado a uma independência radical e fatal: torna-se um proscrito, um traidor aos olhos da instituição à qual dedicou sua vida. Sua independência não é, portanto, uma escolha de autonomia, mas uma imposição decorrente da fidelidade extrema a seus princípios. Essa dinâmica ecoa a observação feita sobre outros arquétipos auxiliares, cuja independência muitas vezes se constrói em relação crítica ao grupo ao qual pertencem (Soares, 2025a). A actância póstuma de Aioros resolve paradoxalmente esta tensão: sua pertença é reafirmada e purificada, reconhecida por Atena e pelos cavaleiros justos, enquanto sua independência se transforma na sua condição de espírito livre, desvinculado das hierarquias terrenas e atuando como uma força guiadora autônoma. Ele pertence, finalmente, ao panteão dos heróis imortais, independente das limitações do mundo físico.

No eixo vertical, a relação entre estabilidade e maestria também é profundamente reconfigurada por sua jornada interrompida. Em vida, a estabilidade de Aioros foi brutalmente quebrada: sua posição social, seu lar (o Santuário) e sua própria vida foram abruptamente destruídos. Ele não possui mais um “lugar seguro” no mundo, vivendo na instabilidade absoluta da perseguição e do exílio. No entanto, é precisamente dessa instabilidade existencial que emerge



sua mais elevada maestria, que se projeta para além da morte. A maestria de Aioros não se limita à sua habilidade combativa excepcional, mas manifesta-se na maestria de seu legado espiritual e simbólico. Sua armadura, impregnada de seu cosmo, age com vontade própria, tornando-se uma extensão de sua habilidade protetora. Seu espírito demonstra a maestria de orientar eventos e inspirar corações à distância, um fenômeno que encontra paralelo na maestria de outros arquétipos que atuam como pilares morais e catalisadores do crescimento alheio (Soares, 2021a). A sanção final de Aioros, o reconhecimento e a vitória de sua causa, fornece uma nova espécie de estabilidade: a estabilidade eterna de seu mito e de seu valor como símbolo, um ponto fixo e inabalável no imaginário do Santuário e na narrativa.

A inversão semiótica identificada é, portanto, mais do que uma simples troca de valências; é um processo de semiose transcendente. O signo “Aioros” migra de uma existência predominantemente *índice* (sua pessoa física, suas ações diretas) e *símbolo* (seu status de Cavaleiro de Ouro) para uma existência quase puramente icônica e simbólica remissiva. Sua armadura é um ícone de sua presença; seu mito é um símbolo que remete a valores universais. Nesta nova condição, as necessidades básicas são satisfeitas em um *metaplano*: sua pertença é à ordem simbólica, sua independência é a do signo que circula livremente no discurso, sua estabilidade é a da estrutura arquetípica fixada, sua maestria é a eficácia deste signo em gerar interpretantes e orientar ações. Esta análise corrobora e expande a visão de que a força centrípeta de um actante pode operar de formas não convencionais (Soares, 2020), não necessariamente a partir de uma presença constante, mas a partir de uma ausência que se faz signo total e, como tal, age com uma potência redobrada. Aioros configura, assim, um caso paradigmático de como a semiótica arquetípica pode iluminar a transformação de personagens em funções simbólicas permanentes, cuja actância se efetiva precisamente através da conversão de suas carências materiais em plenitude significativa.

O aprofundamento da análise demonstra que a configuração arquetípica de Aioros não pode ser compreendida apenas como um ajuste ou compensação dentro do modelo de Mark e Pearson (2003), mas sim como a instalação de um metassistema semiótico, entendido aqui como um nível de significação que opera sobre as necessidades básicas, resignificando-as a partir de uma lógica transcendente. Em termos operacionais, esse metassistema se caracteriza por: (i) a conversão de qualidades concretas (pertença social, estabilidade física) em equivalentes simbólicos (identificação com a ordem cósmica, eternidade do legado); (ii) a possibilidade de um



mesmo traço arquetípico assumir valores opostos simultaneamente (ausência que gera presença ubíqua); (iii) a substituição da causalidade linear por uma lógica de compensação transcendente, onde a privação no plano material gera potência no plano simbólico. Conforme Mark e Pearson (2003, p. 45), as necessidades arquetípicas fundamentais “organizam-se em dois eixos: pertença versus independência e estabilidade versus maestria; cada arquétipo privilegia certo equilíbrio entre esses polos.” As necessidades básicas, em vez de simplesmente se inverterem, são ressemantizadas dentro de um novo quadro existencial—o da existência pós-morte como força narrativa ativa. Neste metassistema, a satisfação de cada necessidade ocorre não pela realização de sua forma convencional, mas pela sua transmutação em um equivalente simbólico de potência superior.

Esta transmutação segue uma lógica de compensação transcendente. A "falta" gerada no plano concreto (a perda da pertença social, da estabilidade vital) não cria uma mera carência, mas um vazio estruturante que atrai para si um preenchimento de natureza qualitativamente diferente. Esse vazio não é uma lacuna a ser preenchida, mas um operador lógico que reorganiza o campo semiótico, atraindo significações de ordem superior, similar ao que Greimas (1989) denomina “articulação entre presença e ausência” na estrutura elementar da significação. Por exemplo, a independência forçada do exílio físico converte-se na autonomia absoluta do signo que circula sem restrições materiais. A armadura dourada deixa de ser um equipamento vinculado a um usuário específico para tornar-se um símbolo flutuante que pode "escolher" seu portador baseado em critérios morais, atuando como um verdadeiro *actante não-humano* (Latour, 2012) investido da agência de Aioros. Este processo corrobora a observação de que, em narrativas míticas, objetos podem tornar-se veículos plenos de uma presença arquetípica (Soares, 2025a), mas aqui ele é radicalizado: o objeto não apenas representa o arquétipo, mas executa fisicamente sua vontade.

O aspecto mais paradoxal desta configuração reside no fato de que a ausência física de Aioros, sua “falta” mais evidente, gera, na verdade, um excesso de presença semiótica. Sua não-presença corpórea o liberta das limitações espaciais e temporais, permitindo-lhe uma ubiquidade narrativa impossível para os personagens vivos. Enquanto outros cavaleiros estão restritos a um lugar e momento, o “signo Aioros” pode manifestar-se simultaneamente em múltiplos pontos da narrativa: como memória inspiradora, como armadura atuante, como voz espiritual. Esta presença multiplex é diretamente proporcional à sua ausência singular. Nesse sentido, sua condição ilustra o princípio lógico de que, em certos sistemas simbólicos, negação não significa privação, mas

potencialização. A morte não anula sua actância; pelo contrário, a purifica de todos os elementos contingentes, deixando apenas sua essência arquetípica que, então, pode atuar com pureza e potência máximas.

A síntese desta análise revela que o arquétipo do guerreiro ausente, conforme encarnado por Aioros, é definido por uma inversão semiótica das necessidades básicas. O que seria uma carência ou um conflito em um personagem vivo, a falta de pertença institucional, a independência forçada, a instabilidade fatal, transforma-se na fonte de seu poder arquetípico e na base de uma nova ordem de significação. Sua pertença transferiu-se do plano concreto para o plano ideal; sua independência tornou-se a liberdade de atuar como signo puro; sua instabilidade foi o cadinho que forjou um legado estável; sua maestria transcendente o corpo para habitar o símbolo (a armadura) e a memória coletiva. Esse jogo dinâmico entre os polos, longe de indicar um desequilíbrio, configura a própria essência da atualização arquetípica (Soares, 2023) de Aioros, demonstrando como as necessidades básicas podem ser radicalmente reinterpretadas para dar conta de figuras cuja influência narrativa é paradoxalmente proporcional à sua ausência física. Aioros de Sagitário, portanto, não é um arquétipo incompleto, mas um arquétipo completado em outro registro, o registro do simbólico e do póstumo, onde sua força centrípeta (Soares, 2020) continua a operar, guiando a narrativa e os heróis a partir de um lugar que está, simultaneamente, em todo lugar e em nenhum.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, a configuração do arquétipo do guerreiro ausente na personagem Aioros de Sagitário, de *Os Cavaleiros do Zodíaco*. Para tanto, mobilizou-se o instrumental teórico-metodológico consolidado por Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023, 2025a, 2025b), que articula a conceituação junguiana do arquétipo (Jung, 2002) com duas ferramentas de análise semiótica: o exame da semiose narrativa, através das quatro fases (Platão; Fiorin, 1993), e a investigação da valência dos traços arquetípicos, por meio do modelo das necessidades básicas (Mark; Pearson, 2003).

A consecução desse objetivo permitiu atingir resultados substantivos. Em primeiro lugar, a análise da semiose narrativa demonstrou que a actância de Aioros opera por uma delegação de agência, na qual seu programa narrativo (salvar e proteger Atena) é transferido e executado por



outros actantes, especialmente Seiya. Sua jornada, interrompida pela morte física, perpetua-se e amplifica-se em eficácia simbólica, caracterizando-o como um herói-mártir cuja ausência é condição de sua ubiquidade narrativa. Em segundo lugar, a análise das necessidades básicas revelou uma inversão semiótica nos polos que constituem seu arquétipo. A tensão entre pertença e independência, assim como entre estabilidade e maestria, é radicalmente reconfigurada por sua condição póstuma: sua pertença torna-se ideal e espiritual, sua independência transforma-se em liberdade de ação simbólica, a instabilidade de seu destino converte-se na estabilidade eterna de seu mito, e sua maestria transcende o corpo para habitar o legado e a memória. Desse modo, Aioros encarna não um arquétipo incompleto, mas um arquétipo completado em outro registro semiótico, o registro do simbólico e do transcendente.

Os resultados desta investigação reforçam a proficiência da semiótica arquetípica como instrumental teórico-metodológico para a análise de personagens ficcionais complexos, especialmente na cultura pop narrativa. O método mostrou-se capaz de desvelar camadas profundas de significação, articulando a estrutura universal dos arquétipos, enquanto formas do inconsciente coletivo (Jung, 2002), com as particularidades contextuais e narrativas de sua atualização. A consistência dos achados, que dialogam diretamente com as conclusões de estudos anteriores sobre o herói, o sábio, o guardião e o cuidador (Soares, 2020a, 2021a, 2025a, 2025b), atesta a robustez e a aplicabilidade do modelo.

Portanto, conclui-se propondo que a semiótica arquetípica deve ser empregada em futuros estudos de mesma natureza, tanto sobre outras figuras do universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* quanto em personagens de distintas obras e mídias. A análise de arquétipos como o do fora-da-lei, o trapaceiro ou o governante, presentes na obra de Kurumada (1986) e em tantas outras narrativas contemporâneas, poderia não apenas expandir o entendimento dessas figuras, mas também testar e refinar ainda mais o próprio instrumental metodológico. Dessa forma, a semiótica arquetípica se consolida como uma via profícua para a compreensão de como os mitos ancestrais continuam a moldar, de forma vibrante e complexa, o imaginário das histórias que contamos hoje.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.



CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

ECO, Umberto. **Kant e o ornitorrinco**: ensaios sobre linguagem e cognição. 2. ed. Tradução de Ana Thereza B. Vieira e Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 2023.

KURUMADA, Masami (roteiro original); ASAMI, Kōzō (diretor). **Saint Seiya – Os Cavaleiros do Zodíaco**. Série de TV. Toei Animation, 1986-1989. Episódios 1-114. (Em especial: episódios 1 (morte de Aioros), 73-74 (revelação final), 111-114 (Muro das Lamentações)).

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 2003.

PLATÃO, Savioli, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**: leitura e produção. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, v. 06, nº especial, p. 113-128, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.3, n.5, p. 23-35, jan./jun. 2021a. Disponível em: <https://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd/v-3-n-5-2021>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. **Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2021b. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/10657>. Acesso em: 19 jan. 2026.



SOARES, Thiago Barbosa. A semiótica do inocente: funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 205-218, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16562>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SOARES, Thiago Barbosa O arquétipo do guardião em Cavaleiros do Zodíaco: uma análise semiótica do cavaleiro de ouro de Áries, Mú. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 18, n. 54, p. 241-261, set. 2025a. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/13534>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SOARES, Thiago Barbosa. Semiótica do cuidador: uma análise arquetípica de Trunks de Dragon Ball Z. **Revista Sapientia**, Quixadá, CE, v. 1, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2025b. Disponível em: <https://fadat.edu.br/revista-sapientia/> Acesso em: 19 jan. 2026.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. 2. ed. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

